

Fingel imediatamente se posicionou em sentido e fez uma continência: — Sem problema, professor! Vou ajudar o calouro com a bagagem! O professor Gudrian aprovou com um aceno satisfeito e depois disse a Luming Fei: — Ming Fei, o nosso campus tem uma vista deslumbrante. Você pode apreciar melhor daqui a pouco. Capítulo 9 - Cena 10: Ele e Ela (Parte 1) - Extra Luming Fei virou-se para a janela do trem. O CC1000 cortava velozmente um denso bosque de pinheiros vermelhos. Quando emergiu do mar escarlate, avistou montanhas imponentes e estradas sinuosas que serpenteavam até o meio das encostas, levando a um conjunto de construções medievais. Lá embaixo, havia gramados verdes, caminhos de pedras avermelhadas e estruturas que lembravam castelos. Ao longe, pombas voavam sobre o telhado pontiagudo de uma igreja, enquanto a luz do sol de verão rompia as nuvens e banhava o topo do edifício gótico, fazendo-o brilhar como um conto de fadas. — É... realmente lindo... — murmurou Luming Fei, encostado na janela. Fazia quanto tempo desde que ele vira essa paisagem? Desde que fora perseguido pela academia, nunca mais voltara. A última vez que a vira, estava em ruínas, acompanhada por uma longa lista de nomes dos que haviam caído. Um turbilhão de emoções invadiu seu peito. — Não é mesmo? — exclamou o professor Gudrian, orgulhoso, abrindo os braços. — Ming Fei, bem-vindo... à Terra dos Dragões! Fingel completou, ao lado: — E também ao paraíso dos mestiços, meu caro calouro. Bem-vindo à nossa família! [...] O vento forte agitava as folhas caídas ao longo dos trilhos enquanto o "Cobra do Mundo" adentrava a plataforma como uma espada afiada. Fingel pegou as malas de Luming Fei com um grunhido: — Pra que trouxe tanta coisa, rapaz? Cobertor, travesseiro... até uma panela de pressão? Tá com medo de passar fome aqui? — E ainda por cima, tudo isso a gente ganha de graça na academia! Você é um talento nível "S", não um lixo "F" como eu... — Fingel ficou cada vez mais indignado e cuspiu no chão. — Droga, um dia eu vou liderar uma revolução e acabar com esse sistema de castas opressor... De repente, ele parou. Luming Fei, que vinha atrás, esbarrou sem querer nas suas costas largas. — Que foi, velho? — reclamou, esfregando a testa. Fingel ficou paralisado, deixando as malas caírem no chão. Luming Fei viu seu cobertor sujar-se e gritou: — Fingel, você pirou? Mas o outro não reagiu. Esfregou os olhos, murmurando: — Deve ser miragem... só pode. Acho que o chute do professor afetou meu cérebro. Melhor voltar pro dormitório e dormir. Como se tivesse decidido que era alucinação, pegou as malas novamente e seguiu em frente. Luming Fei achou que o colega estava surtando de novo e resolveu ignorar. Até que avistou o Ferrari vermelho-vivo estacionado na plataforma. Uma garota estava encostada no carro, com cabelos longos como vinho, uma blusa branca larga escorregando pelos ombros e um top preto com a estampa "NONO" em vermelho escuro. A barra da regata estava amarrada num laço charmoso, destacando sua cintura marcada. Ela usava um short jeans desfiado, daqueles da moda, e as pernas longas brilhavam sob o sol. Óculos escuros enormes cobriam metade do rosto, e brincos de trevo prateado balançavam ao vento. Percebendo o olhar dele, a garota ergueu os óculos para a testa e acenou com um sorriso malicioso: — Oi, namoradinho! Só agora me viu? Ficou bonito de uniforme, hein? Luming Fei suspirou. Mano, até agora com essa brincadeira? Um barulho alto ao lado o fez virar. Fingel tinha derrubado as malas de novo. — FINGEL, EU VOU TE MATAR! — Calma, calouro! — Fingel o segurou, sério. — O que ela disse? Você... é namorado dela? Luming Fei já ia explicar, mas Chen Mo Nuo chegou correndo: — Isso mesmo, ele é meu namorado. Me perseguiu um tempão até eu aceitar. — Piscou para Luming Fei. — Não é, amor? Ele achava que tinha virado o jogo antes, mas acabara de cavar a própria cova. Essa diabinha era demais! Decidindo que o silêncio era a melhor opção, mudou de assunto naturalmente, colocando o braço nos ombros de Fingel: — Vamos, velho, ainda temos que arrumar as coisas no dormitório. Mo Nuo não deixou barato. Deu um tapinha na cabeça dele: — Tá me dispensando, é? Lembra do que me prometeu quando tava me conquistando? — Mas eu nunca te conquistei... — Então foi só brincadeira? Homem canalha! Agora você vai me ouvir! — Ela o puxou pelo pescoço em direção ao Ferrari. Sem escolha, Luming Fei se deixou empurrar para dentro do carro e gritou para Fingel e o professor Gudrian, que observavam confusos: — Vou dar uma volta com a Mo Nuo pra conhecer o campus! Voltamos depois. E Fingel, se não lavar meu cobertor, te arrebento quando voltar! Mo Nuo acelerou, e o Ferrari disparou como um cavalo selvagem, deixando para trás apenas os faróis vermelhos e Fingel boquiaberto: — O calouro

conseguiu domar essa demônia? Errei feio... De repente, seus olhos brilharam, e um sorriso safado surgiu no rosto: — Matéria de primeira página amanhã! Hora de escrever! — Acenou para o professor. — Tô indo, professor! Professor Gudrian: — ? Como assim todo mundo foi embora? Ainda faltava a última parte da orientação do calouro! [...]O Ferrari cortava a estrada de montanha na luz do amanhecer. Nora dirigia com fúria, aproveitando a aceleração poderosa e a suspensão firme para dançar entre as curvas sinuosas. No rádio, tocava a trilha sonora perfeita para o momento: "Rumo ao Norte" de Jay Chou. — "Rumo ao norte, deixando para trás a estação em que você estava..."Lu Mingfei aumentou discretamente o volume. — Gosta do Jay Chou? — perguntou Nora. — É, curto bastante as músicas dele... como todo jovem, né? — Ser meu namorado é uma honra, então por que você parece tão relutante? — Nora mantinha as mãos no volante, olhando para frente.Lu Mingfei sentava-se ereto, as mãos sobre os joelhos. Olhou o perfil da garota, deslumbrante sob a luz do sol. — Nora, você não precisava fazer isso. — Hm? — Ela pisou fundo no freio, estacionando à beira da estrada e virando-se para encarar seus olhos. — Por que diz isso?Ele encolheu os ombros, desviando o olhar para a floresta escura que margeava a estrada. — Sei lá... só acho que... você deve sentir falta de amizade. Fingir ser minha namorada é só porque acha divertido. — Não está errado — ela riu, os olhos brilhando. — Nunca tinha feito esse papel antes, é bem engraçado, especialmente ver você se apertando todo. — Mas sou seletiva. Não sou boba. Se fossem aqueles caras da faculdade, nem daria atenção. — Eles só me acham bonita, inteligente, digna deles. Por isso se interessam. — O sorriso de Nora esvaiu-se. Ela baixou os olhos para o volante. — Meus padrões não são altos... ou talvez sejam. A maioria me dá agonia. Comer com certas pessoas é como ter uma barata à mesa — nojento a ponto de perder o apetite.Lu Mingfei coçou a cabeça. Aquela Nora lhe parecia tão só. — Então por que continua com essa brincadeira comigo? — Quem sabe? Com você não sinto desconforto. Acho que... — ela suspirou, olhando para o céu — quando te conheci, tive uma sensação de familiaridade. Talvez seja por isso. — E você me faz rir. Dá vontade de te provocar — Nora mostrou a língua. — Se fosse mesmo seu namorada, passaria o dia inteiro rindo e apertando você. — Não pedi pra você fingir por status... e de qualquer forma, somos amigos — ele tentou explicar. — Que discurso sem convicção — ela zombou. — Lembro da sua pose no cinema.Envergonhado, Lu Mingfei tentou mudar de assunto, mas Nora já acelerava novamente. Ele olhou pela janela, calado. — Obrigada, Mingfei — após um silêncio, a voz suave de Nora quase se perdeu no vento.Ele piscou, fazendo caretas. — Ah, para com isso! Entre nós, quem agradece? Agradados não precisam de recompensa! — É mesmo. Naquela noite você virou meu subordinado, e não vale desistir — Nora sorriu, radiante. — Sabe que dia é hoje? — Que dia? — ele brincou. — Aniversário do nosso falso namoro? — Dia da Liberdade! — ela revirou os olhos. — Mas nunca contei nossos "dias de romance". — Dia da Liberdade? Que é isso? — ele fingiu ignorância. Deixava a garota orgulhosa falar; seu orgulho não era desagradável. — Tradição da faculdade. Um dia por ano, os alunos podem fazer o que quiserem sem punição. — O tema deste ano é airsoft. Sortudo! Chegou na hora certa — explicou Nora, satisfeita. — E você vai? Já estamos atrasados. — Claro que vou! Nem começou ainda. Aguarde, subordinado: sua mestra vai arrasar! — Acelerando, o Ferrari rugiu, deixando rastros de fumaça....Nora estacionou e saltou do carro. — Vamos buscar os equipamentos.Ao ver que Lu Mingfei não saía, voltou-se. Ele ainda estava encolhido no banco. — O que está fazendo? O evento começa em uma hora! — seu belo rosto franziu-se.Ele ergueu uma expressão sofredora. — Nora, você dirige tão rápido... minhas pernas estão bambas. Não consigo andar!Ela soltou uma risada, curvando-se sobre o capô. — Exagero! Para de frescura e desce. — Tá bom... — ele saiu devagar, segurando a porta. — Quer que eu te carregue? — os olhos de Nora faiscaram maliciosamente.Ele saiu correndo. — Não não, assim eu saio! Vamos logo!Observando sua retirada, Nora sorriu sem perceber. — Ei, subordinado! Sabe onde fica o departamento?Ele voltou abatido. — Não.Ela acariciou sua cabeça. — Obediente, hein? Vou te armar. Sabe atirar?Ele fez gestos de pistola. — Praticava atirando em semáforos. Dez anos de treino! Precisão lendária. — Para de graça. — quase rindo de novo, Nora o guiou por um caminho.Lu Mingfei olhou ao redor. Na sua vida passada, ele não lembrava de haver um caminho como aquele na faculdade. Chen Monuo caminhava à frente, com as mãos cruzadas nas costas. A luz do sol atravessava as folhas das árvores, criando manchas de luz e sombra que

dançavam sobre ela. As pontas avermelhadas de seus cabelos balançavam levemente com seus passos descontraídos. As árvores que ladeavam a estrada pareciam estender o caminho infinitamente, como se os estivessem levando a um lugar etéreo e desconhecido. Os saltos de seus sapatos batiam contra as pedras azuis do chão, produzindo um som claro e ritmado. Ao longe, ecoava um som suave, enquanto as folhas acima deles sussurravam ao vento. Folhas caídas giravam no ar antes de pousar suavemente ao seu redor. – Quantos anos a shijie tem mesmo? – Lu Mingfei começou a divagar. – Shijie. – Hmm. – Nono diminuiu o passo até ficar ao lado dele. – O que foi? Lu Mingfei notou um fio de cabelo encaracolado caído sobre o rosto dela. – Se você alisasse o cabelo, ficaria mais bonita. – A frase escapou de sua boca antes que ele pensasse. – Hmm... – Nono enrolou o fio de cabelo em torno do dedo. – Quando eu tiver tempo. Lu Mingfei enfiou as mãos nos bolsos e baixou a cabeça enquanto Nono cantarolava uma música que ele não conhecia. De repente, um toque de vermelho chamou sua atenção. Chen Monuo se curvou e então ergueu o rosto para olhá-lo. Eles tinham quase a mesma altura, mas como Lu Mingfei estava cabisbaixo, só assim ela conseguia ver seu rosto direito. – O que foi dessa vez? Tá parecendo uma mocinha sentimental, ficando melancólico à toa. – Não é nada, shijie. – Lu Mingfei coçou a cabeça, sem entender como ela tinha interpretado errado. – Só estava pensando em como derrotar todo mundo depois. – Isso é que é atitude! – Nono ergueu o polegar. – Eu nem tinha pensado nisso. – A propósito, shijie, de que time a gente é? – De nenhum time. Somos lobos solitários, entende? – Nono ergueu o queixo com orgulho. – Já ouviu dizer que as feras sempre caminham sozinhas? – Shijie, você é ainda mais ousada que eu. Capítulo 10 – Cena 11: O Dia da Liberdade (Parte 1) No final do caminho, havia um pavilhão de estilo clássico. Os dois pararam diante dele. – O que é esse lugar? – perguntou Lu Mingfei. Na sua vida passada, ele até tinha vencido o Dia da Liberdade, mas a batalha já estava no fim. Depois que Nono foi eliminada, ele pegou o rifle dela e, com dois tiros, derrubou Chu Zihang e César. A vitória tinha sido tão absurda que ele nem sabia onde pegar os equipamentos anualmente. – É o arsenal, embora todo mundo chame de Departamento de Equipamentos. – Nono colocou as mãos na cintura. – Como os malucos do departamento construíram a base a mais de cem metros de profundidade, ninguém normal quer ir até lá. Então criaram um arsenal na superfície para distribuir os equipamentos. Com o tempo, todo mundo passou a chamar de Departamento de Equipamentos. Nono se aproximou da porta de madeira, adornada com entalhes complexos, e passou o cartão de estudante em um leitor. [Verificação concluída. Aluna do segundo ano, Chen Monuo. Classe «A». Período do «Dia da Liberdade». Arsenal liberado. Selecione as armas necessárias.] – A voz mecânica de Norma ecoou. – Vem cá, você também precisa passar o seu. – Nono acenou para Lu Mingfei. – Hã? – Lu Mingfei abriu as mãos. – Mas eu nem tenho cartão ainda. – Burro, tá no bolso do seu uniforme. – Ela apontou para o bolso dele. Lu Mingfei enfiou a mão e, de fato, encontrou um cartão rígido e retangular. – Eu não sabia... – resmungou ele enquanto se aproximava da porta. [Verificação concluída. Calouro Lu Mingfei. Classe «S». Período do «Dia da Liberdade». Arsenal liberado. Selecione as armas necessárias.] A porta de madeira do arsenal se abriu, revelando uma segunda camada de metal à prova de explosões, parecida com os cofres de bancos dos filmes. A porta entalhada era apenas decoração; a verdadeira proteção era a porta de metal com mais de dez centímetros de espessura. – Ei, vem ajudar aqui! Não fica aí parado. – Nono se aproximou e começou a girar a maçaneta.